



bruno dunley: no meio fabio miguez: fragmentos do real (atalhos)

abertura:

23 de junho, 2018
19h

exposição:

25 de junho – 11 de agosto, 2018
seg-sex: 10h – 19h
sáb: 11h – 15h

galeria nara roesler | são paulo
avenida europa 655
jardim europa 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

A **Galeria Nara Roesler** apresenta em seu espaço paulistano duas mostras individuais e simultâneas de artistas que têm em comum a pintura como recurso central em suas trajetórias: ***No Meio***, de **Bruno Dunley** e ***Fragmentos do Real (Atalhos)***, de **Fabio Miguez**. Ambos pertencem a gerações marcadas pela retomada da pintura, 2000 e 80 respectivamente, e compartilham referências históricas do universo pictórico. Todos estes aspectos serão abordados em uma conversa aberta ao público entre os artistas e os críticos Rodrigo Moura e Tadeu Chiarelli, no dia 04 de agosto, sábado, às 11h.

Bruno Dunley – que no início de 2018 lançou o seu primeiro livro homônimo pela Associação para o Patronato Contemporâneo - APC e realizou a sua primeira individual no espaço da Galeria em Nova York – apresenta agora em

São Paulo, **No Meio**, exposição que reúne cerca de 24 obras de diferentes dimensões, realizadas de 2015 a 2018, acompanhada de texto de Tadeu Chiarelli.

A partir do oceano de imagens que atinge a todos, o crítico aponta que os artistas reagem de diferentes maneiras diante desse cenário. “Há aqueles que se afogam com prazer nas águas turvas da internet, à caça de ícones passíveis de serem processados e tornados ‘obras’, e aqueles que, como Dunley, mesmo que também envoltos nessas mesmas águas e levados a nelas buscarem o alimento para suas produções, resistem a se deixarem afogar pelas correntezas do inócuo que governam as profundezas desse oceano”.

Chiarelli destaca a pintura que dá nome à mostra, *No meio* (2016), por ele entendida como um emblema dos artistas que resistem à naturalização desse excesso imagético. “*No meio* apresenta-se como um espelho que aparentemente nada reflete e onde está escrita a expressão ‘no meio’ (escrita, não refletida)”.

Para o crítico, a produção do artista nos últimos anos está repleta desses tipos de espelhos que não refletem o mundo, mas que marcam um lugar preciso no centro de muitas de suas pinturas. “Produzindo essas obras que se situam entre a afirmação do fazer pictórico e a presença de signos provenientes daquele mar de imagens tornado, em definitivo, a nossa nova primeira natureza, Dunley parece encontrar nesses espelhos cegos que produz a última fortaleza, ou a última lanterna a servi-lhe de guia para não submergir em definitivo”.

Por sua vez, a exposição ***Fragmentos do Real (Atalhos)***, individual do artista **Fabio Miguez**, apresentada de março a maio de 2018 no Instituto Figueiredo Ferraz, em Ribeirão Preto, chega à Galeria Nara Roesler | São Paulo, na ocasião do lançamento do livro *Atalhos* (bilíngue, editado pela APC, 142 págs., R\$ 70,00) que, assim como a exposição, tem texto de Rodrigo Moura.

Na mostra são apresentadas cerca de 60 telas em pequenas dimensões que revelam a prática pictórica quase diária do artista, em uma relação de complementaridade com as grandes telas. “Um elogio ao pequeno formato, onde os desafios surgem e desaparecem em tempos breves e sem a gravidade reservada aos processos temporais expandidos”, escreve Moura em seu texto sobre a exposição.

A série aponta mais uma vez o diálogo que o artista constrói, ao longo de sua trajetória, entre bidimensionalidade (pintura) e tridimensionalidade (obras escultóricas), ao transitar de um suporte ao outro, ampliando a reflexão sobre a pintura contemporânea. Em seu texto Moura destaca que nestas pinturas Miguez isola determinados elementos de sua obra, criando pequenas unidades de linguagem que se singularizam em cada quadro – para depois se repetirem em subséries de variações formais e cromáticas.

“Montadas em linha, no encontro de umas com as outras as pinturas formam sentenças e, em conjunto, dão conta de sua grande vocação sensorial no uso variado de cores, texturas, formas e movimentos. A maneira ideal de vê-las é neste grande grupo, revisitando os elementos ao longo do tempo e experimentando as sucessivas interrupções, como numa grande tira de filme. Levando a pesquisa pictórica de Miguez para outro lugar, elas se apresentam menos como espaços pictóricos idealizados do que como fragmentos do real”, escreve Moura.

Bruno Dunley (n. 1984, Petrópolis, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. Dunley formou-se bacharel em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, e bacharel em Fotografia pelo SENAC, na mesma cidade. Por seu envolvimento com o Grupo 2000e8, desenvolveu um pensamento crítico acerca da trajetória da pintura no mundo contemporâneo. Desde 2008, a principal corrente de sua prática diz respeito à pintura. Seus trabalhos partem de imagens encontradas e de uma análise da natureza da pintura na qual códigos linguísticos, como o gesto, o plano, a superfície e a representação, são compreendidos como um alfabeto, um vocabulário compartilhado. Recentemente, sua prática voltou-se à abstração gestual, sem, no entanto, deixar de lado a representação de objetos do cotidiano. Dunley afirma: “Há uma variedade visual nos trabalhos mais recentes. Há uma mudança fundamental na função da imagem, uma descrença numa forma única de representação, uma descrença na afirmação da unicidade no corpo de sua obra e da sua identidade por um estilo – uma repetição visual fortemente demarcada. Ao invés de articular o modo de fazer as coisas, os tipos de visibilidade e a reflexão sobre as relações entre eles, isso implica a construção de um efetivo que sustenta e afirma a obra”. Há sempre uma só cor predominante na superfície de suas telas, o que

sugere uma linguagem visual minimalista e confere um ar meditativo a algumas de suas pinturas, ao mesmo tempo em que revela lacunas na continuidade aparente da percepção. Algumas de suas individuais mais recentes foram: (incluir expo GNR NY), *Ruído* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2016), *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012). Também participou recentemente das coletivas *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

Fabio Miguez (n. 1962, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. Inicia sua carreira na década de 1980 junto à célebre Casa 7, ateliê coletivo que reuniu Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade em torno da amizade e de propósitos estéticos comuns. Embora sua pesquisa esteja voltada ao trabalho pictórico, durante os anos 1990 começa a produzir *Derivas*, séries de fotografias que, anos mais tarde, são publicadas com o nome de *Paisagem Zero* (2012). Na última década, Miguez desenvolveu trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação *Onde* (2006), o objeto *Ping-pong* (2008) e a série *Valises*, produzida desde 2007, que expande seu campo principal de investigação para dar lugar a obras que assumem a feição de maletas. A formação em arquitetura traz influência construtiva para algumas de suas pinturas, que, por sua vez, aliam-se ao estudo sobre a escala, a matéria e a figuração. O artista ainda lida com formas modulares, submetendo-as a um raciocínio combinatório, repetindo-as e variando sua posição ao passo em que lhes opera inversões e espelhamentos. Em pinturas mais recentes, como a série *Atalhos* (iniciada em 2011 - em processo) é possível notar esta operação em pequeno formato. Muitas delas guardam relação direta com a história da arte - como as que recortam partes de quadros de Piero della Francesca, Alfredo Volpi e Henri Matisse - e com situações pictóricas casuais encontradas, justamente, em elementos arquitetônicos, como casarios, pedras rejuntadas e muros de tijolos. Nesses trabalhos, a articulação de uma relação híbrida entre a figuração e a abstração é transpassada pela inclusão de palavras - algumas delas emprestadas de textos de João Cabral de Melo e Samuel Beckett - que funcionam como campos autônomos de informação e abrem campo para leituras mais amplas desse conjunto de obras. Fabio Miguez participou de bienais como a Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brasil, 1985 e 1989), a 2ª Bienal de Havana (Havana, Cuba, 1986), a 3ª Bienal Internacional de Pintura de Cuenca (Cuenca, Equador, 1991) e a 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2005), além de mostras retrospectivas como *Bienal Brasil Século XX* (1994) e *30 x Bienal* (2013), ambas promovidas pela Fundação Bienal de São Paulo. Teve exposições individuais, como: (incluir expo IFF), *Paisagem zero* (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2012); *Temas e variações* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2008); na Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo, Brazil, 2003), acompanhada da publicação de um livro sobre sua obra; e no Centro Cultural São Paulo (São Paulo, Brasil, 2002). Mostras coletivas recentes incluem *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014), *Tomie Ohtake/Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013), *Analogias* (Museu da Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2013) e *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013).

Imagens

Bruno Dunley
No meio, 2016
óleo sobre tela
160 x 120 cm

Fabio Miguez
Sem Título, 2018
óleo e cera sobre tela
30 x 40 cm

contatos de imprensa

press office usa
sutton pr
t 1 (212) 202 3402
julia lukacher
julia@suttonpr.com

press office brazil
pool de comunicação
t 55 (11) 3032 1599
martim pelisson
martim@pooldecomunicacao.com.br

galeria nara roesler
comunicação
t 55 (11) 2039 5465
paula plee
paula.plee@nararoesler.art

